

*Para a história da negação: dois tipos de minimizadores no português antigo **

Clara Pinto

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística

A existência de palavras ou expressões que designam quantidades mínimas ou envolvem algum tipo de escárnio foi notada por Pott (1857). Estas palavras, conhecidas como minimizadores, estão associadas a escalas de dimensão ou valor, designando o menor ponto de uma escala e podendo assim funcionar como reforço da negação (cf. Horn, 1989 e Hoeksema, 1999). Exemplos de minimizadores são as expressões *uma palha* ou *um tostão*. Embora muito estudados em inúmeras línguas, face à sua associação com o ciclo de Jespersen (Jespersen, 1917), em PE os minimizadores têm sido pouco estudados (cf. Meleiro, 2007). O português antigo (PA), tal como outras línguas românicas medievais, recorria ao uso quer de indefinidos negativos (cf. Martins, 1997) quer de minimizadores, para expressar negação. Propomos que o PA dispunha de dois tipos de minimizadores. O primeiro grupo, a que chamaremos Minimizadores do Tipo 1 e ilustramos em (1), é composto por itens com uma leitura partitiva ou valorativa associada. O segundo grupo, o dos Minimizadores do Tipo 2, inclui itens aos quais está associado um determinado grau de indefinição, como em (2).

(1) Por quanto Boorz dizia, nom dava Lionel *ua palha* (...) (DSG)

(2) Senhor, diss'el, nom vi *rem*. (DSG)

A elevada produtividade de minimizadores no PA contrasta com o uso residual dos minimizadores do Tipo 1 e com o desaparecimento dos de Tipo 2 nos dados contemporâneos. É objetivo desta comunicação mostrar que os minimizadores do Tipo 2 competiam, no PA, com os indefinidos negativos, em contextos negativos. Para tal, tomaremos como exemplo o minimizador *homem*, em contraponto com o indefinido *nenhum* (ou, por vezes, *ninguém*), cujos usos ilustramos em (3) e (4), respetivamente.

(3) E ao doo da rainha nunca *homem* vio par. (DSG)

(4) ... e partio-se ende em guisa que *nenhũu* nom no vio nem entendeo. (DSG)

Partindo da observação de dados diacrónicos dos séculos XIII a XVI¹, colocamos a hipótese de que, no PA, o pronome indefinido *homem* era um item bipolar (segundo a classificação de Martins, 2000) com subespecificação de todos os traços ([α af], [α mod] [α neg]), e que ocorria, tanto em contextos negativos como não-negativos, com comportamento idêntico: valor semântico indefinido (o que potencia a leitura de minimizador), equivalente a *alguém* ou *ninguém*, consoante o contexto polar; ausência de traços-*phi*, sem leitura referencial (ocorre sempre sem determinante), preferentemente associado a verbos modais e ao existencial *haver*.

Os exemplos (5) e (6) atestam a ocorrência de *homem* em contextos negativos e não-negativos.

(5) Boo cavaleiro nom pode *homem* achar tam aginha como vos cuidades. (DSG)

(6) sabede que sas armas eram taes que adur poderia *homem* melhores achar. (DGS)

De acordo com Willis et al (2013), os indefinidos negativos são possíveis candidatos ao ciclo de Jespersen (cf. Jespersen, 1917), uma vez que atuam quer como minimizadores, quer como generalizadores. Esperar-se-ia que *homem* tivesse evoluído no sentido da gramaticalização, conforme a proposta de Garzonio e Poletto (2008, 2009), ilustrada na tabela em (7), contudo, não se verifica uma evolução do tipo '*one thing*' > '*anything*' > '*nothing*'.

¹ Para este artigo foram recolhidos dados da *Demanda do Santo Graal* (séc. XIII) (cf. Martins, 20013 para justificação), *Crónica Geral de Espanha* (Séc. XIV), *Crónica de Dom Pedro de Menezes* e *Crónica de Dom Fernando* (séc. XV) e *Peregrinação* (séc. XVI).

2

(7)

A hipótese que colocamos é a de que, em contextos negativos, *homem* concorresse, no PA, com o indefinido *nenhum* em posição argumental, designando entidades com o traço [+humano]. No entanto, o item bipolar *homem* desaparece da língua no século XVI, ao passo que os pronomes *nenhum/ninguém* se generalizam nos contextos em que antes alternavam com *homem*, tornando-se palavras-negativas com traço negativo especificado (cf. Martins,

2002). Preve-se que tal tenha sucedido face as diferenças entre *homem* e *nenhum*, que sugerem diferentes graus de evolução (cf Garzonio e Poletto, 2008, 2009). Considerando a tabela (7), *nenhum* apresenta um comportamento de Fase 2/3 para todas as propriedades, exceto *b*), uma vez que se registam ocorrências com modificadores preposicionais. Quanto a propriedade *g*), de acordo com Martins (1997) existem ocorrências, embora raras, de *nenhum* como único elemento negativo pre-verbal no sec. XIII. No que diz respeito a *homem*, embora os dados sugiram uma Fase 2 para as propriedades de *a*) a *d*), o seu comportamento é de Fase 1 em relação às propriedades *e*), *f*) e *g*).

Os dados sugerem, assim, que *nenhum* era mais especializado do que *homem* (era um IPN fraco, cf. Martins, 2000), e era não-ambíguo, o que o colocava em vantagem. Além disso, o grupo dos indefinidos negativos do qual *nenhum* fazia parte era homogêneo (no seu comportamento enquanto itens polares), contrariamente ao grupo dos minimizadores, no qual *homem* se incluía. Finalmente, sendo um item bipolar, *homem* ocorria em contextos não-negativos como estratégia de indefinição do sujeito. Para o seu desaparecimento terão contribuído outros fatores, como por exemplo, a emergência de novas estratégias de passivização (cf. Faggion, 2008).

Referências:

- FAGGION, C. 2008. *A Indeterminação em Português: Uma Perspectiva Diacrónico-Funcional*. Tese de doutoramento. UFRG.; GARZONIO & POLETTI. 2008. "Minimizers and quantifiers: a window on the development of negative markers. *CISCL Working Papers*. Vol. 2. University of Siena.; GARZONIO & POLETTI. 2009. "Quantifiers as negative markers in Italian dialects". *Working Papers in Linguistics*. Vol. 19. University of Venice.; HOEKSEMA, J. 1999. "Rapid change among expletive polarity items". In *Historical Linguistics*. Laurel J. Brinton (ed.). *Selected Papers from 14th International Conference on Historical Linguistics*. Vancouver. John Benjamins. Amsterdam/Philadelphia.; HORN, L. 1989. *A Natural History of Negation*. Stanford: CSLI Publications. 2001; JESPERSEN, Otto. 1917. *Negation in English and Other Languages*. Copenhagen: A.F.Host.; MARTINS, A. M. 1997. "Aspectos da Negação na História das Línguas Romanicas: Da natureza de palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém*". *Actas do XII Encontro APL*. Lisboa: APL. pp. 179-210.; MARTINS, A. M. 2000. "Polarity Items in Romance: Underspecification and Lexical Change". *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*, ed. por Susan Pintzuk, George Tsoulas & Anthony Warner. Oxford & New York: Oxford University Press. 191-219.; MARTINS, A. M. 2013. "Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia". *Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*. Alvarez, R.; A. M. Martins, H. Monteagudo & M. A. Ramos (eds.). Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. 383-402.
- MELEIRO, M. 2007. "Minimizadores nas crônicas de Fernão Lopes e Zurara". *Atas do XXII Encontro da APL*. Lisboa. APL. pp. 465-481.; POTT, A. 1857. *Etymologische Forschungen auf dem Gebiete der Indo-Germanischen Sprachen*. Vol. 1. Lemgo and Detmold: Meyer.; WILLIS ET AL. 2013. "Comparing Diachronies of Negation". Willis, D., Lucas, C. and Breitbarth, A., eds. *The History of Negation in the Languages of Europe and the Mediterranean. Volume I: Case Studies*. Oxford: Oxford University Press.

* Funded by the European Research Council, ERC Advanced Grant 2011, GA 295562.